

de que trata o Art. 121 d'este regulamento, sem o que ser-lhe-
ha negada a mesma carta.

Art. 132. Se em qualquer porto nacional reinar molestia epidemica transmissivel, as cartas de saude só serão validas quando passadas dentro das 24 horas anteriores á da sahida da embarcação. Se a sahida não se effectuar no dia em que a carta de saude tiver sido expedida, será preciso revalidal a, para o que bastará—o visto—do ajudante da visita externa, no porto do Rio de Janeiro, ou do inspector de saude, nos demais portos do Imperio.

Art. 133. Nenhuma carta de saude poderá ser revalidada mais de uma vez; cumprindo ao commandante da embarcação pedir nova carta de saude, se a primeira tiver sido passada 48 horas antes da sahida do navio.

Art. 134. Fica adoptado o modelo junto para as cartas de saude de todo o Imperio.

(*Continúa*).

VARIÉDADE

OS PRIMEIROS JORNAES

Pelo Dr. M. DANTAS

Entendia Theophilo Gautier que se devera dar um premio a quem inventasse um praser novo. Bem o mereceu quem nos dotou com o livro e o jornal, porque abriu ao genero humano novas fontes de gozo sem estancar as antigas. Com effeito, parece que nenhum dos antigos praseres se tenha perdido, como os espelhos de Archimedes ou as Philippicas de Trogu Pompeu. Faltão-nos, é certo, a fêra no circo, o gladiador na arena, os festins pantagruelicos e algumas scenas de Juvenal; porém Horacio, espectador de tudo isto e epicurista muito mais delicado que Anacreonte, *vinosus senex*, conclue todavia que nada ha comparavel ás doçuras pacificas da vida campestre. Temos o que tinham elles e muito mais ainda.

Meio mais maravilhoso de vulgarisação do que o jor-

nal não sei que haja: é a praça publica de Athenas, os cafés de Londres na restauração dos Stuarts.

Estamos de tal modo habituados á visita natural e vespertina do mensageiro exacto que a custa imaginamos que não seja assim sempre, ou que não fosse assim todos os dias. Dá-se o mesmo em relação a todas as commodidades com que nos gratificou o progresso. Em compensação difficilmente cremos em certas atrocidades felizmente extinctas.

Idola tribus, diria Bacon. No emtanto o jornal e a imprensa são, pode-se dizer, novos.

O Atheniense era principalmente cidadão, dava pleno desenvolvimento á vida social com detrimento da vida de familia, cousas mais independentes do que querem quantos entendem ser a familia a base indiscutivel da sociedade. A praça publica era o centro commum de encontro; ião todos aos seus e aos publicos negocios e talvez tambem por esse impulso de vermos aquelles mesmos que nos são indifferentes. D'ahi trocas de noticias que erão assim divulgadas.

Os romanos conservavão em memoria dos acontecimentos importantes nas inscripções tabulares dos pontifices, que podião ser consultadas, methodo aperfeiçoado desde Julio Cesar com as *acta diurna*, lidas avidamente e de que tiravão-se copias para as provincias. Muita gente não fazia mais que preparar essas folhas copiadas; de onde vem *compilatio*, que é proxivamente o que estou a fazer.

Continhão as *actas* o resumo das sessões do senado, as cerimoniaes funebres, incendios, execuções, longevidades e fecundidades extraordinarias, festas de circo ... em tudo quanto não erão contrario ás vistas da autoridade.

Todos querião ler para ver «o que não tinha feito Thraséas».

Sabe-se que o virtuoso senador protestava por sua abstenção contra as torpezas de Nero. Era genro, creio, d'aquella Arria famosa, que para animar o marido condemnado á morte cravou um punhal no peito, e lh'o entregou depois, dizendo: «Toma, Petus, isto não dóe».

Estas tentativas embryonarias de jornalismo naufragarão no decurso da idade média. Todavia, aqui e ali, em Veneza particularmente, muito antes da descoberta da imprensa, circulavam folhas manuscritas. O Senado veneziano publicava para distribuir aos seus agentes *foglieti*, *fogli d'avvizi*, tempos depois espalhados entre os particulares por copistas. Compreende-se que a suspeitosa republica do Conselho dos Dez e dos Inquisidores de Estado jamais consentiria na diffusão de notícias que não fossem dictadas pelo proprio governo, systema este adoptado em tempos posteriores e em mais livres terras, na França de Richelieu, no Londres de Carlos 2º.

A velha curiosidade humana foi a origem do jornal; por mais que preguem contra as paixões, são ellas as rodas do carro do progresso.

Sem duvida foi a gravura stereotypica que suggerio os typos moveis de madeira e mais tarde os de metal; porém antes de gravarem-se as imagens de santos e os emblemas religiosos, ja se davão a estampa as cartas de jogar!

Ha quem faça remontar o nascimento do jornal ao meiado do seculo 16, mesmo antes, a 1536, talvez por ser este o anno em que cunhou-se a moeda italiana chamada *Gazetta*, preço por quanto muito depois erão vendidas as primeiaas folhas politicas em Veneza.

Cantú menciona entre os precursores do jornalismo as *Relações historicas* de Eytzinger o *Mercurio gallo-belga* de Asthusins da 2ª metade do seculo 16; porém percursores muito remotos e muito pouco semelhantes ao jornalismo actual, tanto que referindo-se aos quatro jornaes francezes do começo do seculo 18 diz elle que «ninguem os deve figurar semelhantes aos representantes da litteratura militante de hoje. Limitavam-se a um resumo sem critica das obras litterarias e scientificas que apparecião. Verdade é que já La Bruyère no prefacio do seu discurso de recepção na Academia queixa-se de lhe «haverem dirigido injurias grosseiras e pessoases dous authores associados á mesma gazeta », que era o *Mercurio galante*,

fundado por Donneau de Visé; e no reino visinho Lestrage, no seu *Observador*, não respeitava Whig vivo ou morto. A gazeta de partido e'a injuriosa tem, pois, raizes longas na historia.

Segundo os estudos de Eug. Hatin, citado por Laboulbène, a primeira folha periodica foi impressa em 1605 em Antuerpia; peποιs veio em data a Allemanha.

Na Inglaterra foi impresso o primeiro jornal em 1622, segundo o citado autor. No fim do reinado de Carlos 2º só dous jornaes tinham a permissão de sahir á luz, e erão ambos orgãos da authoridade, o *Observador* que continha artigos politicos e nenhuma noticia, e a *Gazeta de Londres*, que dava noticias sem commentarios no estylo mais magro e official. Os debates parlamentares, os processos politicos passavam em silencio. A tinsufficiencia do jornalismo era supprida na capital pelas pales ras nos cafés, nas provincias pelas folhas manuscriptas que partião da capital. Escrevel-as era um meio de vida. Os authores buscavam os materiaes um pouco por toda a parte, em Whitehall, no Old-Bailey, nos cafés principalmente. O café é ainda uma instituição moderna. Cada grupo tinha o seu: aqui o Dr. Radieliff ouvia os seus doentes, além o illustre Dryden dissertava sobre litteratura entre nuvens de tabaco, enquanto mais adiante, no café dos elegantes, odiavão o fumo tanto quanto o finado Bouley ou o prof. Jules Guérin.

Paris teve a sua primeira Gazeta em 30 de Maio de 1631, seguindo ainda as mesmas autoridades. Quem a publicou foi um medico, Renaudot, o homem, diz Flourens, que a antiga Faculdade de medicina mais odiou. Era entretanto um homem inventivo e de coração, e que tinha a comprehensão exacta de progresso.

Foi elle quem instituiu as consultas e distribuição de remedios gratuitos aos pobres, que, em tempo em que não havia annuncios nem jornaes, estabeleceu em sua propria casa um escriptorio de informações para compras, vendas etc., ponto certo dos novelleiros; foi quem introduzio em França o monte-Soccorro

creado na Italia desde a 2ª metade do seculo 15 por um medico que era tambem frade. E, diga-se entre parenthesis, tal accumulção de profissões era frequente, principalmente em França, onde até o seculo 15 era prohibido o casamento aos medicos. Pelo que, estes entravão no estado ecclesiastico que dava vantagens taes, que a dedicada Heloisa propellia para M. Abeillard, sem renunciã ao amor, entende-se. Comprehende-se que n'estas condições o medico era senhor da dupla natureza do homem: do corpo pelo escalpello, da consciencia pelo confissionario.

Depois Renaudot passou a distribuir aos seus doentes ricas folhas manuscriptas principalmente anedoticas, e tal foi a procura que resolveu imprimil-as e tirar proveito pecuniario. E assim nasceu a primeira Gazeta em França.

Renaudot, porém, viveu em uma epoca de ardentes luctas na medicina. A medicina arabe, que a par de muitas abusões, processos cabalisticos e qualidades occultas, havia alargado a semeiologia e a therapeutica, cedia deante da restauração da medicina greco-latina, emquanto ja despontava uma era nova com os progressos da anatomia, da alchimia, que era então o nome da chimica, e com a descoberta de Harvey.

Isto todavia não se fazia sem conflicto serio: a circulação do sangue só foi posta fora de duvida quando Malpighi em 1661 e Leuwenhock em 1691 derão a ultima demão. O pó dos jesuitas, o opio, o chá erão repellidos, em quanto Gregorio 14 e Rodolfo 2º tomavão o ouro potavel e o pó de viboras era prescripção usual. A polypharmacia arabe determinara uma reacção ultra na therapeutica official que se reduzia á sangria e aos purgativos vegetaes, o que fazia Boileau dizer dos doentes: « L'un meurt vide de sang, l'outre plein de sené ».

A Faculdade era a guarda zelosa das tradições, erudita restauradora dos antigos, a implacavel perseguidora das innovações, e a Faculdade era uma potencia. Guy-Patin era a sua encarnação, e Renaudot ferira-o com suas innovações, com a propagação das alheias, com o emprego de remedios alchimicos,

do antimonio particularmente, e mais que tudo, com um epigramma deveras espirituoso. D'ahi uma serie de desgostos e calamidades para o pobre homem.

Ainda não raiára o dia do primeiro jornal medico; ia caber ainda esta gloria a França de Luiz 14º, no seculo francez por excellencia talvez, porque o seguinte ainda disputa igual appellido. A França, com effeito, dominava pela força e mais ainda pelo genio, politica, diplomacia, administração, espirito e gosto; foi a um tempo na era moderna o que forão separadamente Athenas e Roma nos tempos antigos. Quem o diz é Macaulay, o primeiro historiador moderno; e depois bastão as palavras de Voltaire « não se verá mais o tempo em que um duque de la Rochefoucauld, ao deixar a conversação de um Pascal ou de um Arnaud irá assistir a uma peça de Corneille. »

Diz Laboulbène: o 1º numero do *Journal des découvertes en médecine* foi publicado em Paris, a 28 de Janeiro de 1679; contém 30 paginas, em 8º. Ahi vem o famoso febrifugo inglez de Talbot, o elixir de Rabel, uma memoria sobre as feridas; o 2º numero, de 29 de Fevereiro, tem 48 paginas.

No 1º anno vem anonymo; no 2º (1680) apparece o author, Nicolão de Blégnny, cirurgião do rei, etc.

O titulo da folha passa a ser o *Temple d'Esculape*. Sahio ainda em 1681 e tambem em 1864, porém n'este anno em Amsterdam, e de cada vez com novo titulo.

Foi traduzido em latim e publicado por Bonet com o titulo de *Zodiacus medico-gallicus*, authore Nicolao de Blegny, Genebra, 1682.

Pouco feliz este Blégnny. Em tempo e em paiz em que ser nobre não era por certo couza futil, elle—filho de um boticario pobre—blasonava de fidalgo; inquieto, trefego, introduzido, porém espirito creador, de uma actividade sem par, espancando a rotina, compondo « a proposito de tudo obras e, couza digna de mensão, a mor parte boas », esbarra afinal contra a Faculdade que o esmaga. Tirarão-lhe o privilegio de publicar sua

folha, prenderam-no por mais de oito annos, depois do que la vae fallecer em Avinhão aos 70 annos.

Deixemos extranhas terras.

Em 1747 Antonio da Fonseca fundou a primeira imprensa no Rio de Janeiro, publicando no mesmo anno a *Relação da entrada que fez o bispo D. Fr. Antonio do Desterro Malheiro*. Não era cedo demais, porque ha 176 annos o Mexico publicara o primeiro livro, que me conste, na America. A nossa imprensa, porem, teve ephemera duração, que a metropole e seus dignos delegados não nos toleravão taes luxos. Quando muito nos permittiam os *oiteiros* e as academias litterarias que não faziam mal a ninguem: laudativas e timidas, nos trazem a lembrança Horatius Flaccus prompto a cantar Mecenas no dia do banquete e a tomar a fuga na hora do perigo.

Aqui na Bahia, por exemplo, o conde de Sabugosa fundou em 1724 a *Academia brasílica dos Esquecidos*, que descutio entre outros o difficil thema seguinte—*Quem mostrou amar mais fielmente—Clycie ao sol, ou Endymião á lua?*

Quando, enfim, a monarchia espavorida veio, em 1808, enxertar-se entre nós, houve de fundar-se a imprensa regia e então surgiu a *Gazeta do Rio de Janeiro*. Logo depois appareceu na Bahia a *Idade do ouro do Brasil*; sahiam duas vezes por semana e até 1820 só tivemos esses magros periodicos.

O Dr. Sigaud, intelligente, trabalhador, que tanto escreveu sobre o Brazil, inaugurou no Rio de Janeiro o *Propagador das sciencias medicas*, que foi publicado em 1827-28; tinha por sob titulo « Annaes de medicina, cirurgia e pharmacia para o Imperio do Brazil e nações estrangeiras ». Em 1835-36 associado aos Drs. Paula Candido e Valdetaro publicou o *Diario de Saude*.

Na Bahia o Dr. Mello Moraes publicou o *Medico do povo*, cujo 1º numero sahio a 26 de Junho de 1850 e durou quatro annos.

Em 1850 tambem sahio o *Atheneu*, orgão scientifico e litterario dos estudantes de medicina da Bahia. Mas desde 1842 já

em Pernambuco se imprimiam os *Annaes de medicina pernambucana*.

Todavia parece-me que a 1ª folha medica de nota que se publicou nesta provincia data do apparecimento da *Gazeta medica*, orgão de varios facultativos, cujo primeiro numero foi publicado em 10 de Julho de 1866.

E' possivel que as poucas linhas precedentes conttenham muitas inexactidões; emende-as quem souber.

7 de Outubro de 1886.

NOTICIARIO

VOTO DE PESAR. — A congregação da Faculdade de Medicina, em sessão de 26 do mez findo, approvou unanimemente um voto de pesar pelo fallecimento do illustrado professor Conselheiro Francisco Rodrigues da Silva, ex-director d'aquella Faculdade.

— Em sessão de 14 a Camara Municipal d'esta capital adoptou por unanimidade, a proposta que apresentou seu presidente, Dr. Augusto França, para consignar-se na acta um voto de sentimento pela morte do Conselheiro Dr. Francisco Rodrigues da Silva, tendo sido a proposta offerecida com as seguintes palavras do seu autor:

« Na sessão passada a camara consignou em sua acta um voto de pesar pelo passamento de um distincto sacerdote; hoje é de meu dever propôr-lhe que outro voto consagre, exprimindo sua magua pelo fallecimento de um medico illustrado, o Conselheiro Dr. Francisco Rodrigues da Silva.

Este illustre bahiano prestou á patria no alto magisterio e em diversas e honrosas commissões, como a que desempenhou na guerra do Paraguay, assignalados e relevantes serviços.

Dando eloquente prova de quanto vale a intelligencia humana fecundada por tenaz e bem dirigido estudo, o Dr. Rodrigues da Silva, depois de brilhante curso academico, no qual por mais de